

# SINAIS TOPONÍMICOS EM LIBRAS DOS BAIRROS DE JOINVILLE/SC: ASPECTOS MORFOLÓGICOS E SEMÂNTICOS

Fabíola Sucupira Ferreira Sell<sup>1</sup>  
Gabriele Cristine Rech<sup>2</sup>

## RESUMO

Este artigo objetiva descrever aspectos morfológicos e semânticos dos sinais em Libras dos bairros de Joinville/SC utilizados pela comunidade surda local. Para tanto, parte-se da análise preliminar da formação morfológica de sinais conforme estudos toponímicos das línguas de sinais, bem como de entrevistas com membros da comunidade surda, a fim de resgatar a motivação para a nomeação dos bairros. Pode-se observar que a maioria dos sinais é formada por elementos da língua nativa ou de forma híbrida, ou seja, a partir de empréstimos da língua majoritária. Quanto à motivação, a percepção visual dos surdos evidencia-se na criação de sinais toponímicos.

**Palavras-chave:** Topônimos, Libras, Sinais de Bairros.

## Introdução

Este artigo tem por objetivo principal descrever aspectos morfológicos dos sinais de bairros da cidade de Joinville, localizada no Estado de Santa Catarina – Brasil, usados pela comunidade surda local<sup>3</sup>, bem como analisar a motivação informada para esses topônimos. Tal análise concentra-se na área da Onomástica, mais especificamente nos estudos relacionados à Toponímia, os quais têm por objetivo estudar a nomeação de

---

<sup>1</sup> Doutora e mestra em Linguística, licenciada em Letras-Alemão e bacharela em Letras-Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora Associada da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC - Campus Joinville). E-mail: fabiola.sell@udesc.br.

<sup>2</sup> Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Doutoranda em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste). Professora de Libras na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). E-mail: gabriele@uems.br

<sup>3</sup> Nosso agradecimento à comunidade surda de Joinville/SC, à Associação da Comunidade Surda de Joinville/SC (ACSJSC), especialmente às professoras consultadas, pela presteza em auxiliar com informações que contribuiriam com essa pesquisa. Equívocos que ainda restem são de nossa inteira responsabilidade.

lugares. Para tanto, foram analisados vídeos encontrados no Youtube com os sinais dos bairros de Joinville e realizadas entrevistas com surdos pertencentes à comunidade surda joinvilense, a fim de compreender as motivações para a criação dos referidos sinais atribuídos aos bairros da cidade catarinense.

Vale ressaltar que a cidade de Joinville localiza-se na região Norte do estado e é a maior cidade do Estado de Santa Catarina, em termos territoriais e populacionais, apresentando uma diversidade cultural e histórica que abarca povos originários, comunidades afrodescendentes, imigrantes luso-germânicos e os mais recentes movimentos migratórios internos motivados pela região, que oferece à população oportunidades empregatícias, culturais e educacionais (JOINVILLE, 2017).

Nesse contexto, a comunidade surda joinvilense tem uma trajetória de organização que remonta à década de 1980. Conforme Schmitt (2008), os então chamados Círculos de Surdos-Mudos de Santa Catarina já tinham seu núcleo instalado na cidade, com a ajuda do Professor Surdo Francisco de Lima Junior, residente de Florianópolis/SC. Segundo o autor, “era a partir desses encontros que a língua de sinais fluía e a comunicação entre eles se fortalecia e os surdos foram tomando espaço dentro da sociedade catarinense” (SCHMITT, 2008, p. 61). Atualmente, a comunidade surda joinvilense se organiza em uma associação de surdos chamada Associação da Comunidade Surda de Joinville- SC (ACSJSC), cuja missão é “Incluir a comunidade surda e a família no convívio social, lutando pela educação de qualidade, participação em recreativa e desportiva e a respeito linguístico.” (ACSJSC, 2021<sup>4</sup>).

A cidade de Joinville, localizada na região Norte do Estado de Santa Catarina, e inicialmente conhecida como Colônia Dona Francisca, foi fundada em 1851, sendo a maior cidade do estado em termos geográficos e populacionais: conforme estimativas do IBGE de 2021, a população de Joinville era de mais de 600 mil habitantes, possuindo um elevado índice de desenvolvimento humano, com IDH de 0,809 (IBGE, 2021).

Conforme o periódico Joinville Bairro a Bairro (2017), a cidade possui 53 bairros, além das áreas rurais. Desses, encontramos 43 deles nomeados espontaneamente pela comunidade surda joinvilense e de acordo com suas necessidades de se referirem a estas regiões da cidade e tendo em vista a experiência visual na qual se inserem, conforme veremos ao longo deste estudo.

---

<sup>4</sup> Extraído de <https://www.acsjsc.org.br/>.

De acordo com Junges (2021), existem duas formas de nomeação toponímica: a primeira, denominada de toponímia oficial, “é aquela reconhecida pelas autoridades, que é declarada em documentos” (JUNGES, 2021, p. 141); a segunda, a toponímia espontânea, é aquela que “ocorre de forma natural, por iniciativa população” (JUNGES, 2021, p. 141). Os dois tipos são analisados neste artigo. Ainala; Saarelma; Sjöblom (2016) chamam estes segundos de nomes de lugares tradicionais (*traditional placenames*), os quais, segundo as autoras, atendem às necessidades de pequenas comunidades.

Junges (2021, p. 133) pondera que “a escolha de um topônimo é o resultado de uma observação humana, tudo a sua volta é nomeado de forma a fazer significado para aqueles que vivenciam o nome escolhido”. Neste sentido, compreendemos que a nomeação dos topônimos em língua de sinais, pode ser compreendida como uma forma de as pessoas surdas significarem, em uma língua visual, os espaços urbanos nos quais circulam. Nessa perspectiva, estudar a nomeação dos bairros de Joinville pela comunidade surda é também abrir espaço para compreender como os surdos se relacionam com os espaços geográficos que os cercam.

### **A toponímia: conceitos fundamentais**

A Onomástica – área do conhecimento que estuda os nomes próprios – tradicionalmente tem concentrado seus estudos em duas grandes áreas: os topônimos – nomes de lugares, e os antropônimos – nomes de pessoas (AMARAL; SEIDE, 2020). Este artigo focará nos nomes de lugares, e, neste sentido, seguindo o que foi proposto por Ainala, Saarelma e Sjöblom (2016) esclarecemos alguns termos utilizados na área: o termo *topônimo*, conforme já anunciado, é aquele usado para designar um nome de lugar; *toponímia* é o termo utilizado para denominar um conjunto de nomes de lugares e, por *toponomástica*, compreendemos a área que se destina especificamente ao estudo destes nomes (AMARAL; SEIDE, 2020). Todos os termos supracitados derivam das palavras gregas *topos* (lugar) e *onyma* (nome).

O estudo dos nomes de lugares tem despertado o interesse de várias disciplinas acadêmicas como a Antropologia, a História, a Sociologia, a Geografia e a própria Linguística. A gênese dos estudos toponímicos, conforme Dick (1992), desenvolveu-se na França, por Auguste Longnon, no ano de 1878. Este autor introduziu os seus estudos,

de forma regular, na *École Pratique des Hautes-Études* e no *Colégio de France*. Como desdobramento do curso, seus alunos publicaram, postumamente, após 1912, um livro denominado *Les noms de lieu de la France*, considerado um clássico para o conhecimento a respeito dos nomes de lugares habitados (DICK, 1992). No Brasil, a obra que se transformou em um divisor de águas nas pesquisas Onomásticas, segundo Amaral e Seide (2020), foi a tese de doutorado defendida por Maria Vicentina de Amaral Dick, em 1980, denominada *A motivação toponímica: princípios teóricos e modelos taxionômicos*.

Dick (1992), em sua clássica coletânea de estudos toponímicos e antroponímicos do Brasil, pondera que, embora o topônimo, estruturalmente, seja uma forma da língua (um significante), a funcionalidade de seu uso adquire uma dimensão maior, marcando-o duplamente: “o que era arbitrário, em termos de língua, transforma-se, no ato do batismo de um lugar, em essencialmente motivado, não sendo exagero afirmar ser essa uma das principais características do topônimo” (DICK, 1992, p. 18). Nas palavras da autora, o duplo aspecto da motivação toponímica ocorre em dois momentos:

- primeiro, na intencionalidade que anima o denominador, acionado em seu agir por circunstâncias várias, de ordem subjetiva ou objetiva, que o levam a eleger, num verdadeiro processo seletivo, um determinado nome para este ou aquele acidente geográfico.
- e, a seguir, na própria origem semântica da denominação, no significado que revela, de modo transparente ou opaco, o que pode envolver procedências as mais diversas. (DICK, 1992, p. 18)

Os nomes de lugares podem ser considerados como expressões pelas quais identificamos e diferenciamos os lugares (AINALA; SAARELMA; SJÖBLOM, 2016). Adaptando os exemplos apresentados pelas autoras, quando ouvimos São Paulo, Londres e Estados Unidos, sabemos que estamos falando de lugares e, embora não os conheçamos, conseguimos procurá-los em um mapa. Nossa experiência em comunidade e na(s) língua(s) em que estamos inseridos proporcionam esse conhecimento e, conseqüentemente, o reconhecimento que se trata de nomes de lugares.

De acordo com Reszegi (2022), tanto nomes pessoais, quanto nomes de lugares, são, presumivelmente, universais linguísticos e antropológicos. Ainala, Saarelma e Sjöblom (2016) também têm a mesma posição, uma vez que todas as culturas possuem necessidades de identificar e diferenciar os lugares; contudo, a forma como estes nomes

são formados varia de língua para língua. Segundo as autoras, em muitas línguas ocidentais encontramos nomes de lugares formados por expressões compostas, como o caso de *Queensland e Long Island*, e outras formadas por apenas um elemento, como o caso de *London e Finnish*. Na toponímia brasileira, por exemplo, encontramos as duas formações, como no caso de *Rio de Janeiro e Goiás*.

Conforme observado por Oliveira e Isquerdo (2017), a nomeação de um nome próprio de lugar é o resultado da atividade humana de nomeação, neste sentido, retrata o olhar do nomeador sobre o espaço geográfico a ser nomeado. Para tanto, o homem pode procurar motivações nos ambientes físico e sociocultural, “razão pela qual o topônimo é carregado de sentidos históricos, sociais, culturais ou de traços do ambiente físico” (OLIVEIRA, ISQUERDO, 2017, p. 59).

Em relação à nomeação de bairros, foco desse artigo, é comum que ela ocorra ora por parte das populações que se identificam, como aquelas fundadoras do bairro, ora pelo consentimento de autoridades governamentais, ou seja, de uma forma oficial (COSTA; DANIEL, 2022). Dick (1992), na mesma direção, comenta a existência de um consenso entre os pesquisadores da área da Toponomástica, entre duas fontes principais das origens das denominações: uma *espontânea* ou *popular*, sem que se tenha uma autoria identificável à primeira vista, pois ela nasceu no meio da população e não de forma individual; e uma conhecida como *sistemática* ou *oficial*, “atribuída aos descobridores, aos dirigentes ou ao poder de mando, legitimamente constituído, ou não” (DICK, 1992, p. 49).

Neste trabalho os signos toponímicos analisados podem ser considerados como espontâneos ou populares, tendo em vista que eles não são oficiais, sem uma autoria identificável à primeira vista, nascendo no bojo da comunidade surda joinvilense, conforme veremos mais adiante.

### **Estudos toponímicos na Libras**

O estudo dos nomes próprios de lugares na Libras é, relativamente, recente (RECH; SELL; NANTES, 2021). Os primeiros estudos publicados na área foram realizados por Souza-Júnior (2012) – em forma de dissertação – e Aguiar (2012) em forma de artigo. Sousa (2022) contabilizou 22 pesquisas na área, dentre as quais, parte delas tomaram como ponto de partida as propostas teórico-metodológicas de Dick

(1990), observando as especificidades da Libras, como, por exemplo, os trabalhos de: Souza-Júnior (2012), Alemão (2017), Sousa (2018, 2019), Sousa e Quadros (2019a, 2019b), Jesus (2019), Ferreira (2019), Souza e Novodvorski (2020), Carmo (2021).

Sousa (2022) observou também que outras pesquisas se voltaram a analisar se os sinais eram nativos<sup>5</sup> ou formados por alguma influência da Língua Portuguesa, verificando também questões de iconicidade e estrutura do sinal que nomeia um lugar na Libras: Aguiar (2012); Urbanski, Xavier e Ferreira (2019); Ferreira e Xavier (2019); Urbanski, Ferreira e Xavier (2021), Miranda (2020). Verificamos que estas pesquisas identificaram que a maioria dos sinais foram motivados tendo como base algum aspecto da Língua Portuguesa, como calque, inicialização e soletração manual<sup>6</sup>. A este respeito, Jesus (2019) comenta:

Os sinais apresentam uma diversidade motivacional. A maior frequência de motivação do signo toponímico na Libras diz respeito à grafia do nome em língua portuguesa. O uso da letra inicial dos nomes próprios nos sinais em Libras. Isso se dá por conta da coexistência de língua de sinais e língua oral num mesmo espaço, o que estabelece uma relação de influência do português sobre a Libras. (JESUS, 2019, p. 32)

O trabalho de Rech, Sell e Nantes (2021), provavelmente, em virtude do momento da publicação, não foi computado nas análises de Sousa (2022). As autoras buscaram, com base na proposta de Paales (2011), identificar as motivações referentes aos sinais toponímicos atribuídos às cidades do Estado de Mato Grosso do Sul. As autoras também identificaram que grande parte dos sinais atribuídos às cidades sul-mato-grossenses tiveram alguma influência da Língua Portuguesa, quer seja pela combinação entre sinais de nomes descritivos<sup>7</sup> e inicializados, quer seja pela presença de empréstimos linguísticos associados a outra motivação.

---

<sup>5</sup>Sousa (2022) utiliza os estudos de Quadros e Karnopp (2004, apud SOUZA,2022) para embasar o seu conceito de sinal nativo. Para as autoras, esses sinais seriam aqueles em que a configuração de mão não remete à palavra do português escrito.

<sup>6</sup>Segundo Urbanski, Ferreira e Xavier (2021), *calques* são traduções literais ou aproximadas, *inicialização* são os casos em que um sinal tem sua configuração de mão original substituída por uma outra que compõe o alfabeto manual fazendo referência à letra inicial do topônimo em sua forma escrita em língua portuguesa. A *soletração manual*, ou *datilologia*, nos estudos das línguas de sinais, tem sentido semelhante ao de soletração nas línguas orais.

<sup>7</sup>Segundo Paales (2011), os sinais de nomes descritivos são aqueles formados a partir de alguma particularidade específica do referente a ser nomeado.

Em nossa análise dos trabalhos feitos na área da Toponomástica da Libras, identificamos que alguns autores buscaram construir uma ficha lexicográfica dos topônimos nesta língua (SOUZA-JÚNIOR, 2012; ALEMÃO, 2017; SOUSA; QUADROS, 2019b), bem como duas focaram na análise das variações fonéticas, fonológicas e lexicais dos sinais (CHAIBUE, 2020; MARCELINO, 2021).

Dentre as pesquisas mencionadas, optamos por seguir o que foi proposto por Sousa (2022) para realizar a descrição morfológica dos sinais aqui analisados. O autor retoma seu trabalho pós-doutoral, no qual propõe uma metodologia para os estudos toponímicos na Libras. No que cabe a formações dos nomes próprios de lugares, Sousa (2022) observa quatro diferentes formações:

a) *formação simples*, quando há apenas um formativo da língua de sinais nativa; b) *formação simples híbrida*, quando há apenas um formativo com empréstimo da língua oral em sua estrutura; c) *formação composta*, quando há mais de um formante, e todos os elementos são da língua de sinais nativa; e d) *formação composta híbrida*, quando contém mais de um formato: sendo pelo menos um da língua de sinais nativa, e pelo menos outro com empréstimo de língua oral ou outra língua de sinais distinta da nativa. (SOUSA, 2022, p. 46)

No que tange às motivações, Sousa (2018) considera que uma taxonomia que, de fato, leve em consideração as especificidades da Libras ainda estão em fase de estabelecimento. De uma maneira mais abrangente, o autor, com base em Dick (1992), propõe que os topônimos na Libras sejam divididos em dois grupos de natureza motivacional: sinais toponímicos motivados por aspectos antropoculturais e sinais motivados por aspectos físicos. Para a descrição morfológica do nosso corpus, como veremos mais adiante, partiremos dessa proposta.

### **Aspectos socioculturais da atribuição de um sinal toponímico na Libras**

Segundo Ainala, Saarelma e Sjöblom (2016), uma comunidade cria um nome para determinados lugares quando há motivos para falar sobre eles. Ainda segundo as autoras, os nomes são dados aos lugares que são importantes quanto ao trabalho, movimentação, habitação, dentre outras atividades. Neste sentido, acreditamos que a comunidade surda nomeia ruas, bairros, cidades, empresas, pontos turísticos de acordo com as necessidades comunicativas que vão se apresentando. Tendo em vista esta

condição, podemos considerar, também, que a atribuição dos nomes de lugares ou de empresas não ocorre no mesmo momento histórico, tampouco pelas mesmas pessoas.

Para exemplificar, pensemos no caso das empresas. Usaremos um contexto ocorrido em Curitiba, experienciado por uma das autoras. No início dos anos 2000, a empresa Kraft Food Brasil se instalou na cidade de Curitiba, e, visando garantir a política de cotas para a inclusão de pessoas com deficiência, contratou (e ainda contrata) vários surdos para atuarem como seus colaboradores. A partir deste contexto, os surdos passaram a falar sobre esta empresa, passaram a trabalhar diariamente nela, e, como consequência, criaram um sinal específico para identificá-la.

Os sinais de nome atribuídos aos bairros seguem a mesma lógica, ou seja, surgem em virtude de uma necessidade, contudo o foco pode estar no deslocamento associado a algum lugar específico. Para exemplificar, podemos pensar nos encontros que ocorrem em alguma associação de surdos. O deslocamento constante para este local gera a necessidade de falar a respeito do bairro em que ele se encontra, inclusive, apontar o ônibus que leva até o local. Assim, um sinal de nome para um determinado bairro pode surgir. O mesmo pode ocorrer com igrejas, empresas, escolas e outros espaços em que os surdos circulam com frequência.

O fato de não haver um sinal para um determinado local não significa que os surdos não falem a respeito dele. Para tal referência eles podem utilizar duas estratégias: uso da datilologia, ou seja, a soletração do nome por meio do alfabeto manual, ou identificar algum ponto específico que tem neste local acrescido do sinal de BAIRRO. Contudo, a necessidade constante de referenciar favorece a criação de um novo sinal ou a reformulação de algum sinal já existente. O ato de criar um sinal pode ter um caráter individual (feito por uma única pessoa) ou coletivo (gerado por duas pessoas ou mais). Após a criação do sinal toponímico, ele começa a circular na comunidade local, sendo transmitido de “mão em mão”. Um determinado sinal pode ser criado, e, posteriormente, rejeitado ou mesmo esquecido pela maioria dos surdos pertencentes àquela comunidade local, contudo, carecemos de pesquisas que tratem a respeito desta temática.

Em relação aos dados aqui analisados, não temos informações para saber a ordem cronológica referente à criação de um sinal para cada bairro, contudo, é possível considerar que o sinal CENTRO, atribuído ao bairro Centro, foi o primeiro a ser



utilizado, visto que ele é o mesmo em muitas cidades. Vale lembrar que, do mesmo modo que na Língua Portuguesa, o sinal CENTRO pode funcionar como um substantivo comum, quanto como um nome próprio.

### **Percurso metodológico**

Antes de entrarmos propriamente no percurso metodológico, cabe observar que uma das autoras já participou da comunidade surda joinvilense, uma vez que aprendeu a língua de sinais nesta cidade, e a outra participa desta comunidade na atualidade. Essas vivências instigaram, portanto, este trabalho.

Para realizar a análise proposta, num primeiro momento, realizamos uma busca no Youtube no sentido de identificar algum vídeo que apresentasse os sinais de bairro da cidade de Joinville. Verificamos a existência de apenas dois vídeos, ambos localizados no canal de uma professora surda, sendo que o primeiro filmado pela proprietária do canal e outro por uma outra pessoa. Na ocasião, optamos em analisar o vídeo da professora em virtude de este estar mais bem organizado e com legendas, o que facilitaria a identificação de cada bairro.

Visando verificar as motivações para cada sinal de nome de lugar, entramos em contato com uma professora surda<sup>8</sup>, nascida na cidade de Joinville, com uma vasta experiência no ensino da Libras e na tradução de textos bíblicos. Nosso primeiro contato ocorreu via chamada de vídeo WhatsApp em que realizamos o convite o qual foi aceito pela professora. Na sequência, enviamos as dúvidas da motivação a respeito dos sinais. A referida professora, já na primeira interação, nos informou que o vídeo estava desatualizado, e nos enviou um novo vídeo, o qual está disponível no canal Librasville<sup>9</sup>.

Visando entender as diferenças entre os vídeos, entramos em contato com uma das surdas que participou do vídeo (a qual é proprietária do canal em que identificamos o primeiro vídeo), e esta nos informou que, em virtude da falta de sinais para alguns bairros, bem como um registro dos sinais utilizados pela comunidade surda joinvilense,

---

<sup>8</sup>A escolha desta professora está associada a ligação de uma das autoras com a comunidade surda joinvilense, e ao reconhecimento do envolvimento desta professora com o movimento surdo.

<sup>9</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OjKykN5xHV0> (acesso em 22 de jul. 2022). Não há descrição no canal a respeito do proprietário. A única informação disponível diz respeito à data da sua inscrição: 28 de março de 2018.

eles organizaram um grupo de WhatsApp e começaram a discutir a respeito desses sinais, pesquisar aspectos físicos e históricos dos bairros e, a partir dessas informações, criaram novos sinais, modificaram alguns e registraram os bairros de Joinville.

Assim, optamos por analisar este novo vídeo. No primeiro momento, fizemos o *download* e inserimos o vídeo no programa ELAN (*EUDICO Linguistic Annotator*) e capturamos a imagem dos 43 sinais correspondente a cada topônimo analisado. Feito isto, organizamos uma tabela em *word*, em que cada linha era destinada a um nome próprio de bairro coletado, e contendo colunas com o nome do topônimo na Língua Portuguesa, a imagem coletada, o tipo de formação do topônimo, conforme proposto por Sousa (2022) e as motivações conforme propostas por Sousa (2018).

Voltamos a conversar com a professora surda, e pedimos que ela identificasse a motivação de cada sinal, o que foi feito em forma de vídeo, analisando um a um. Dentre os 43 sinais, nossa informante não conseguiu recuperar a motivação de 4 sinais: Adhemar Garcia, Glória, São Marcos e Bucarein, o que pode estar relacionada a diferentes situações, desde ter esquecido como já ser este um sinal de um bairro mais antigo, como é o caso dos dois primeiros bairros, em que a motivação acaba por se perder. Sendo assim, neste artigo vamos analisar o conjunto de sinais cujas motivações foram resgatadas pela informante, deixando os demais para pesquisas futuras.

### **Análise do corpus**

Conforme já anunciamos, baseamos nossas análises em Sousa (2018, 2022), o qual considera que os sinais toponímicos podem ser motivados por aspectos antropoculturais e também motivados por aspectos físicos. Neste trabalho, procuramos aprofundar um pouco mais essa proposta, apresentando com mais detalhes cada um dos aspectos. Antes disso, porém, classificamos os 43 sinais encontrados a partir da proposta de formação de sinais de Sousa (2018), conforme aparecem no quadro 1:

**Quadro 1:** Classificação dos sinais de bairro de Joinville/SC

<b>Formação dos topônimos (Souza, 2022)</b>	<b>Bairros Designados</b>	<b>Total</b>	<b>Formação dos topônimos (Souza, 2022)</b>	<b>Bairros Designados</b>	<b>Total</b>
Formação simples	Adhemar Garcia Atiradores Aventureiro	17	Formação composta	América Anita Garibaldi Bom Retiro	10

	Boehmerwald Centro Espinheiros Fátima Glória Jardim Paraíso Jardim Sofia João Costa Parque Guarani Pirabeiraba Saguaçu São Marcos Vila Nova Ulisses Guimarães			Bucarein Dona Francisca (sinal + ÁREA) Floresta (sinal + ÁREA) Jarivatuba Nova Brasília Profipo Rio Bonito	
Formação simples híbrida	Guanabara Iriú Itinga Jardim Iriú Morro do Meio Petrópolis	6	Formação composta híbrida	Boa Vista Comasa Costa e Silva (apenas soletração) Vila Cubatão Itaum Paranaguamirim Santa Catarina (Soletração+ ÁREA) Santo Antônio Zona Industrial Norte Zona Industrial Tupy	10

Fonte: As autoras, 2022.

Dos 43 sinais analisados, a maioria deles apresentam formação simples ou composta sem empréstimos da língua portuguesa, totalizando 27 sinais. Já os sinais híbridos, tanto simples como compostos, utilizam inicialização na formação do sinal. Observa-se que apenas um, o sinal para o bairro Costa e Silva, apresenta apenas soletração manual na sua composição (C+S). No caso do sinal para o bairro Santa Catarina usa-se também a soletração manual (S+C) acrescida do sinal de ÁREA/REGIÃO<sup>10</sup> para diferenciar do sinal do Estado de Santa Catarina, que é formado pela mesma soletração manual.

<sup>10</sup>O uso da caixa alta indica o uso de glosa, recurso recorrente em estudos das línguas de sinais para identificar por meio da escrita da língua oral majoritária o significado aproximado do sinal em língua de sinais. Em relação ao uso desse sinal de ÁREA/REGIÃO, veremos mais adiante na análise que outros sinais toponímicos para bairros de Joinville também o utilizam no processo de composição.

Há sinais que também apresentam inicialização, mas acrescida de algum movimento, como é o caso de Fátima, Guanabara, Itinga e Pirabeiraba. Já o sinal para Iriú é formado por configuração de mão que representa a palavra R-I-O. Nesse sentido, o sinal para Jardim Iriú apresenta a mesma configuração de mão acrescida da inicialização J, ambos acrescidos de algum movimento. Já o sinal para Morro do Meio, utiliza inicialização e classificador que remete à forma de um morro. É interessante a formação do sinal de Itaum, que apresenta inicialização em I juntamente com a rotação de punho na finalização em U.

Dos sinais compostos, apenas dois apresentam mais de três elementos em sua formação seguindo a estrutura gramatical do nome destes bairros em Língua Portuguesa: Zona Industrial Norte e Zona Industrial Tupy. Em ambos os casos os sinais são formados pelo sinal ÁREA + INDÚSTRIA, sendo o primeiro acrescido do sinal NORTE e o último do sinal que nomeia a Fundação TUPY, instalada na região a partir de 1954 (JOINVILLE, 2017, p. 177). Nesse último caso, a Fundação provavelmente foi nomeada em Libras antes do bairro, sendo a motivação para a criação do sinal neste bairro. Ainda em relação aos sinais compostos, há formações realizadas por calque, como Nova Brasília (NOVA+BRASÍLIA), Rio Bonito (RIO+BONITO) e Bom Retiro (BOM+RETIRO/ACAMPAMENTO/BARRACA).

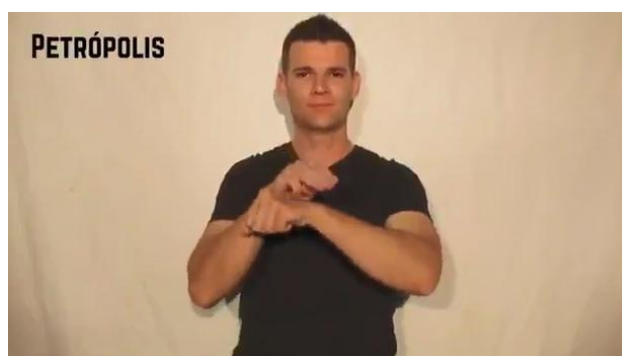
Em relação à motivação, o ponto de partida para nossas análises diz respeito à própria visualidade dos sujeitos surdos e das línguas de sinais. Campello (2018, p. 91) afirma que a comunicação dos surdos “é viso-gestual e produz inúmeras formas de apreensão, interpretação e narração do mundo a partir de uma cultura visual”. Acreditamos que a “experiência visual” (PERLIN, 1998) dos surdos é um dos principais motivos para que se pense uma nova proposta para as motivações de um signo toponímico na Libras.

Tendo em vista que estamos diante de uma comunidade linguística minoritária, a qual coexiste com outra comunidade linguística majoritária, podemos, em um primeiro momento, pensar em motivações referentes a questões específicas da comunidade surda bem como em motivações geradas pelo contato linguístico e cultural entre essa comunidade e a comunidade ouvinte.

Dentre os 43 sinais toponímicos analisados, identificamos apenas dois que foram formados levando em conta experiências vivenciadas no interior da comunidade surda.

O sinal atribuído ao bairro Petrópolis é o mesmo sinal de uma escola localizada no bairro, denominada Escola Municipal Monsenhor Sebastião Scarzello (M na mão de apoio), a qual possui um projeto de educação bilíngue para surdos, e, assim sendo, tem um grande valor para a comunidade surda. A nomeação desse bairro permite que façamos duas considerações. A primeira diz respeito ao que mencionamos anteriormente: o trânsito constante de surdos em um determinado local gera uma necessidade de nomeá-lo. A segunda, que de certa forma, completa a primeira, tendo em vista que a proposta de educação bilíngue na escola citada iniciou no ano de 2019, esta nomeação é recente.

**Figura1:** Bairro Petrópolis (Configuração de mão em M sobre a mão de apoio)



Fonte: Librasville (2018).

O segundo sinal toponímico que carrega motivações relativas diretamente à comunidade surda é aquele atribuído ao bairro Floresta. Segundo a professora consultada, esse sinal é o mesmo sinal atribuído a um surdo muito conhecido na comunidade surda que reside no bairro acrescido do sinal ÁREA/REGIÃO<sup>11</sup> (Mão em S no queixo mais o sinal de ÁREA/REGIÃO). A informante acrescenta ao seu relato o fato de que os surdos tinham o costume de referenciar o bairro pelo sinal do surdo e isto foi tão recorrente que o sinal do bairro ficou conhecido pelo sinal do morador.

Este tipo de nomeação foi identificado anteriormente por Rech, Sell e Nantes (2021) em relação à cidade de Camapuã, no Mato Grosso do Sul. Conforme as autoras, “Como a cidade não tinha um sinal, era comum os amigos surdos se referirem ao sinal

---

<sup>11</sup>Sousa (2022), com base em estudos voltados à língua de sinais americana e à língua portuguesa, classifica esse sinal como termo genérico e o sinal em si, ou seja, o sinal composto, como termo específico.

desse surdo que residia em Camapuã quando combinavam de ir visitá-lo. Assim, o sinal de nome do conterrâneo passou a ser o sinal de nome da cidade” (RECH; SELL; NANTES, p. 130, 2021). Segundo a proposta de Dick (1992), os nomes de lugar motivados a partir de um nome próprio de pessoa (antropônimo) são denominados antropotopônimo. Em muitos casos nas línguas orais, como no caso da Língua Portuguesa, esses nomes são homenagens às pessoas que, de certa forma, trouxeram alguma benesse ao local, ou podem ser figuras públicas regionais ou nacionais. No caso das línguas de sinais, esta questão deve ser analisada com mais profundidade para verificar o porquê de apenas alguns locais receberem esta forma de nomeação, visto que a comunidade surda é formada por inúmeros membros residentes em vários bairros/cidades.

Os sinais toponímicos que foram motivados por meio da história do bairro são América e Atiradores. O bairro América fazia parte do que se denominada Centro até a década de 1980, até a instalação do América Futebol Clube na região (JOINVILLE, 2017). O sinal desse bairro é formado pelo sinal CRIAR/SURGIR mais um sinal que indica o sentido de pioneirismo ou de algo que se estabelece a partir da sua criação, que poderíamos aqui traduzir como ESTABELEECER.

Já o bairro ATIRADORES, também um dos mais antigos de Joinville, abrigava a Sociedade de Atiradores, única sede à época para prática de tiros e que existe até hoje, denominada Sociedade Desportiva Cruzeiro Joinvilense (JOINVILLE, 2017). Em virtude da história do bairro, o sinal para este é composto com a configuração de mão em L, simbolizando o ato de atirar.

É possível também observar sinais motivados por características físicas de personagens que nomeiam os bairros DONA FRANCISCA e ULISSES GUIMARAES. No caso do bairro Dona Francisca, conforme figura 2, tem-se o cabelo preso em um coque como motivação para o sinal. Vale lembrar que Dona Francisca é uma figura histórica muito conhecida na região, dando nome a ruas, estradas, serra, bairro etc., tendo seu busto exposto na rua das Palmeiras, ponto turística da cidade. Já para o bairro Ulisses Guimarães, conforme nossa informante, evidenciou-se a marca no nariz do político brasileiro, conforme mostra a figura 3. Ressalta-se também que nesse bairro há um conjunto habitacional de mesmo nome e bastante conhecido:

**Figura 2:** Dona Francisca, a princesa de Joinville e Sinal do bairro Dona Francisca



Fonte: LIBRASVILLE, 2018

**Figura 3:** Ulisses Guimarães e sinal do Bairro Ulisses Guimarães



Fonte: LIBRASVILLE, 2018.

Ambos os sinais revelam, portanto, a visualidade do surdo na atribuição de sinais baseados em características físicas, um fenômeno muito comum na atribuição de sinais-nome na comunidade surda brasileira e já relatado em diferentes estudos antroponímicos (RECH, SELL e SEIDE, 2020). Pelos dados coletados, é provável que a nomeação do bairro Ulisses Guimarães tenha se dado a partir da busca pela imagem do político brasileira e, a partir da análise das características físicas deste, tenha-se chegado ao sinal do bairro.

Em relação a impressões sobre os bairros, as quais motivaram a atribuição de outros sinais, podemos citar os sinais para Jardim Paraíso e Jardim Sofia, em que, no primeiro caso, o sinal apresenta configuração de mão lembrando uma arma, uma vez que, segundo nossa informante, tem relação com o fato de a comunidade surda saber ser um bairro com índice maior de violência. Já no sinal para Jardim Sofia, a motivação estaria ligada ao fato de haver muitas enchentes na região.

Por outro lado, há vários sinais de bairros motivados por aspectos de referência a pontos específicos situados no bairro, como por exemplo o sinal para o bairro Anita

Garibaldi, cujo sinal remete à estação rodoviária que se situa nesta localidade (RODOVIÁRIA+ÁREA). Na mesma lógica, tem-se para Vila Cubatão a configuração de mão em C mais o sinal de aeroporto (C+AEROPORTO), bem como para o bairro Aventureiro, deu-se o sinal do Supermercado Angeloni (mão em A com movimento de vai e vem). Outros bairros, Comasa, teve seu sinal motivado por uma rotatória existente no local (mão em C circulando a mão de apoio). Já Saguacu remete ao Zoobotânico (sinalização rítmica ZOO+ÁREA), Vila Nova ao Moinho que fica no Pórtico de Joinville, ponto turístico e referência para entrar no referido bairro, e Zona Industrial Tupy à Fundação Tupy.

No caso do bairro João Costa, a motivação para o sinal atribuído remete ao trem que passa no local. Nota-se, portanto, que os sinais atribuídos a diferentes bairros levam em conta a percepção da comunidade surda em relação a pontos de referência relacionados a cada bairro, a partir da percepção e da vivência da comunidade surda, uma vez que existem outros pontos de referência que poderiam ter motivado a criação de sinais. Para o bairro Espinheiros, fez-se referência ao Barco do Príncipe, ponto turístico importante da cidade, que fica na Baía da Babitonga, região do referido bairro. Interessante destacar que esse sinal é formado pelo sinal ESPINHO com movimento de navegar, indicando a influência do nome do bairro em português na criação do sinal.

Por fim, para a criação do sinal do bairro Profipo, a motivação se deu pelo fato de haver muitas casas iguais no local, sendo o sinal construído com a repetição do sinal de CASA, o que evidencia, mais uma vez, as percepções visuais dos surdos como desencadeadoras da motivação para a nomeação de localidades.

De forma geral, identificamos que grande parte dos sinais atribuídos aos bairros joinvilenses são frutos das experiências visuais dos surdos residentes naquela localidade. Pode-se perceber também que poucos sinais foram motivados exclusivamente pelo nome na língua portuguesa. Esses dados vão ao encontro ao que foi constatado por Rech, Sell e Nantes (2022) no tocante à nomeação em Libras das cidades do Mato Grosso do Sul. Tal independência das línguas orais, segundo as autoras, “reforça ainda mais a potencialidade e a capacidade das Línguas de Sinais de existirem por si mesmas e se consolidarem pelos seus falantes nativos” (RECH, SELL e NANTES, 2022, p. 136), sem desconsiderar, obviamente, os empréstimos e contatos com outras línguas, quer sejam orais, quer sejam línguas de sinais. Nesse sentido, há



que se discutir a formação de sinais que de alguma forma apresentam influência do nome em português, sem necessariamente estar vinculada à inicialização, como foi o caso do sinal atribuído a ESPINHEIROS. Note-se que classificamos esse sinal como Formação simples conforme Sousa (2022). No entanto, parece haver outros fenômenos morfológicos e semânticos em sua constituição, que merecem estudos mais aprofundados.

### **Considerações finais**

Este artigo propôs-se a descrever a nomeação de bairros da cidade de Joinville/SC pela comunidade surda joinvilense, de modo a contribuir com os estudos toponímicos da Libras. Partindo das análises de Sousa (2018, 2019, 2022) e de entrevistas com membros da referida comunidade, evidenciou-se, em primeiro lugar que a maioria dos sinais atribuídos aos bairros da cidade caracteriza-se como espontânea e apresenta na sua formação elementos exclusivos da língua nativa, sejam em sinais simples ou compostos. Alguns sinais retratam, de alguma forma, aspectos da língua portuguesa, o que evidencia o contexto bilíngue vivenciado pela comunidade surda. No entanto, mesmo estes denotam que a percepção visual dos surdos em relação ao mundo que os rodeiam desempenha papel importante na nomeação de lugares.

Destaca-se, ainda, a importância de mais pesquisas relacionadas aos topônimos aqui analisados, especialmente em relação a sua formação morfossintática, bem como à investigação de motivações que não puderam ser resgatadas nesta pesquisa, ou mesmo de sinais de nomes de bairros que se modificaram ao longo do tempo. Levando em conta que a comunidade surda joinvilense apresenta uma organização que remota a década de 1980, é de se esperar que haja ainda muita história a ser contada.

### **Referências**

ACSJSC. Associação da Comunidade Surda de Joinville, 2022. Disponível em <<https://www.acsjsc.org.br/>>. Acesso em 07/08/2022.

AGUIAR, Mônica Cruz de. Descrição e análise dos sinais topônimos em Libras. In: ALBRES, Neiva de Aquino; XAVIER, André Nogueira (Orgs.). *Libras em estudo: descrição e análise*. São Paulo: FENEIS, 2012, p. 109-121.

AINALA, Terhi; SAARELMA, Minna; SJÖBLOM, Paula. *Name in focus: an introduction to Finnish Onomastics*. Finlandia: StudiaFennica Editorial Borad, 2016.

ALEMÃO, Vicharlisson Brito. *Projeto ATAQB: armazenamento e dados em Libras*. Relatório Final Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC). Universidade Federal do Acre – UFAC. Rio Branco: UFAC, 2017.

AMARAL, Eduardo Tadeu Roque; SEIDE, Márcia Sipavicius. *Nomes próprios de pessoa: introdução à antroponímia brasileira*. São Paulo: Blucher, 2020. Disponível em: <https://www.blucher.com.br/livro/detalhes/nomes-proprios-de-pessoa-introducao-a-antroponimia-brasileira-1614>. Acesso em: 05 mai.2022.

BEZERRA, Manuella Trindade. *Formação dos sinais toponímicos acreanos*. Relatório Final Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC). Universidade Federal do Acre – UFAC. Rio Branco: UFAC, 2015.

BEZERRA, Manuella Trindade. *Sinais toponímicos do Acre: a iconicidade no processo de formação*. Relatório Final Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC). Universidade Federal do Acre – UFAC. Rio Branco: UFAC, 2016.

CARMO, Felipe dos Santos do. *Toponímia em Libras dos parques, praças e espaços de lazer em Rio Branco (AC): análise dos aspectos formais e motivacionais dos sinais que nomeiam os espaços urbanos*. Rio Branco, 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Libras). UFAC

CHAIBUE, Karime. Toponímia e Libras a partir do sinal de Formosa – GO. In: LIMA, Álisson Hudson Veras; PITA, Julianne Rodrigues; SOARES, Maria Elias (orgs.) *A Linguística na teoria e na prática*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020, p. 408-428.

COSTA, Dinis Fernando da; DANIEL, Hilton Fortuna. Motivações toponímicas: o ato de nomear bairros populares nas periferias em Angola. In *SciELO Preprints*. <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.3570>.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *Toponímia e antroponímia do Brasil: coletânea de estudos*. 3. ed. São Paulo: Serviço de Artes Gráficas da FFLCH/USP, 1992.

FERREIRA, Daniela Betânia dos Santos. *Estudo toponímico do centro comercial de Feira de Santana-BA: línguas orais e Libras*. Feira de Santana, 2019. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – PPGEL, UEFS.

FERREIRA, Daiane; XAVIER, André Nogueira. Topônimos na Libras: análise preliminar de sinais que designam bairros de Curitiba. *Trabalhos completos da XXI Semana de Letras*. Universidade Federal do Paraná, 2019. Disponível em:

[https://drive.google.com/file/d/1C7P9PSCh9jVKrSBQtUXBmr\\_uKAQAYX9u/view](https://drive.google.com/file/d/1C7P9PSCh9jVKrSBQtUXBmr_uKAQAYX9u/view). Acesso em: 10 maio 2022.

IBGE. *Joinville*, 2021. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/joinville/panorama>, 2021. Acesso em 10 de julho de 2022.

JESUS, Carlos Messias Alves de. *Estudo toponímico dos bairros de Feira de Santana-BA: línguas orais e Libras*. Feira de Santana, 2019. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – PPGEL, UEFS.

JOINVILLE. *Joinville bairro a bairro*. Secretaria do Planejamento Urbano e Desenvolvimento Sustentável de Joinville. Joinville: Prefeitura de Joinville, 2017.

JUNGES, Bruna. Toponímia oficial e espontânea nos nomes de escola de Missal-PR. *Onomástica desde a América Latina*, v.3, n.2, p. 132-153, 2021.

LIBRASVILLE. Librasville – Bairros Joinville SC. YouTube, 2018. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=OjKykN5xHV0>.

MARCELINO, Lico Bezerra. *Variação fonológica, morfológica e lexical em topônimos referentes a cidades acreanas*. Curitiba, 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Libras). Curso de Licenciatura em Letras Libras. UFPR.

MIRANDA, Roselba Gomes de. *Toponímia em Libras: descrição e análise dos sinais dos municípios de Tocantins*. Porto Nacional, 2020. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Tocantins. PPGLetras, UFT.

OLIVEIRA, Leticia Reis de; ISQUERDO, Aparecida Negri. Toponímia rural de acidentes humanos do Mato Grosso do Sul: motivações toponímicas e estruturas sintagmáticas. *RevistaGTLex*, v.3, n. 1, p. 58-77, 2017.

PAALES, L. On the system of place name signs in Estonian Sign Language. *Journal of Ethnology and Folkloristics*, Estônia, v.4, n.2, p. 31-54, 2011.

RECH, Gabriele Cristine; SELL, Fabíola Sucupira Ferreira; NANTES, Janete de Melo. Motivações na criação de sinais de nome em Libras de cidades do Mato Grosso do Sul: a experiência visual dos surdos. *Raído*, v.15, n. 39, p. 119-139, 2021.

RECH, Gabriele Cristine; SELL, Fabíola Sucupira Ferreira; SEIDE, Márcia Sipavicius. A nomeação de pessoas em diferentes comunidades surdas. *INVESTIGAÇÕES (ONLINE)*, v. 33, p. 1-24, 2020.

RESZEGI, Katalin. “Cognitive approach in Onomastics”. In *Kognitív szemléletű névtudomány vizsgálatok*. [Onomastic investigations from a cognitive approach]. A Magyar Névtudományi Kiadványai 54. Debrecen, Debreceni Egyetemi Kiadó, 2022, p.211-226.

SCHMITT, Deonísio. *Contextualização da Trajetória dos Surdos e Educação de Surdos em Santa Catarina*. Florianópolis, 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) CED, UFSC.

SOUSA, Alexandre Melo de. Metodologia para a pesquisa toponímica em língua Brasileira de Sinais. In: SOUSA, Alexandre Melo de; GARCIA, Rosane; SANTOS, Tatiane Castro dos. *Perspectivas para o ensino de línguas 2*. Rio Branco: Nepan, 2018, p. 9-37.

SOUSA, Alexandre Melo de. *Toponímia em Libras*. Relatório (Pós-Doutorado – Linguística Aplicada/Libras) – Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Florianópolis, 2019.

SOUSA, Alexandre Melo de. *Toponímia em Libras: pesquisa, ensino e interdisciplinaridade*. São Paulo: Pimenta cultural, 2022.

SOUSA, Alexandre Melo de; DARGEL, Ana Paula Tribesse Patrício. Caminhos da Toponímia no Brasil e as contribuições de Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick. *Revista GTLex*, v. 6, n. 1, 2020, p. 6-19.

SOUSA, Alexandre Melo de; QUADROS, Ronice Müller de. Toponímia em Libras: tecnologia e ensino. In: SIMPÓSIO IBERO-AMERICANO DE TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS. *Anais*. Universidade Federal de Santa Catarina, RexLab, Araranguá, 2019a, p. 137-146.

SOUSA, Alexandre Melo de; QUADROS, Ronice Müller de. *O Web Software Toponímia em Libras: pesquisa e ensino*. In: SOUSA, Alexandre Melo de; GARCIA, Rosane; SANTOS, Tatiane Castro dos. *Perspectivas para o ensino de línguas 3*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019b.

SOUZA, Kássia Mariano; NOVODVORSKI, Ariel. Toponímia em Libras: Análise da origem motivacional em sinais toponímicos do Estado de Goiás. *Revista do SELL*, Uberaba, v. 9, n. 1, p. 36-54, jan./jun. 2020.

SOUZA-JÚNIOR, José Edinilson. Gomes. *Nomeação de lugares na língua de sinais brasileira: uma perspectiva de toponímia por sinais*. Brasília, 2012. Dissertação (Mestrado em Linguística) – PPGL, UNB.

URBANSKI, Ítalo Rullian Webster; XAVIER, André Nogueira; FERREIRA, Daiane. Topônimos na Libras: análise preliminar de sinais que nomeiam cidades do estado do Paraná. TRABALHOS COMPLETOS DA XXI SEMANA DE LETRAS. Universidade Federal do Paraná, 2019. Disponível em: <http://www.semanadeletras.ufpr.br/cadernos-da-semana/>. Acesso em: 07 maio 2022

URBANSKI, Ítalo Rullian Webster; FERREIRA, Daiane, XAVIER, André Nogueira. Contribuições aos estudos toponímicos da Libras através da análise de sinais que designam cidades brasileiras. *Revista GTLex*, v. 6, n. 1, p. 234-267, 10 fev. 2021.

# TOPONYMIC SIGNS IN LIBRAS OF JOINVILLE/SC NEIGHBORHOODS: MORPHOLOGICAL AND SEMANTIC ASPECTS

## ABSTRACT

This article aims to describe morphological and semantic aspects of signs in Libras in neighborhoods of Joinville/SC by the local deaf community. It was carried out a preliminary analysis of the morphological formation of signs according to toponymic studies of sign languages, and interviews with the deaf community members to recover the motivation for the naming of neighborhoods. It is observed that most signs are formed by elements of the native language or in a hybrid form, from borrowings from the majority language. As for motivation, the visual perception of the deaf is evidenced in the creation of toponymic signs.

**Keywords:** Toponyms, Libras, Neighborhood Signs.

Recebido em 20/07/2022.

Aprovado em 21/09/2022.